

Entrevista com **Diva Lúcia Conde**, psicóloga e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### **1) O que significa falar em “democratização da comunicação”? Por que os meios de comunicação no Brasil não são democráticos?**

Podemos pensar por princípio que, tal como está organizada e surge a mídia, ela não é democrática porque ela sempre foi um meio de expressão de um determinado grupo. Sempre tivemos uma autoria que manifestava sua visão de mundo, sua concepção de organização social, sua concepção de homem, e expressava isso através desses veículos de comunicação, principalmente o jornal, que surge depois do livro como meio de comunicação de massa mais amplo, que vai atingir um maior número de pessoas. E aí, temos o rádio e a televisão, que vão trazer a mesma coisa. Então, a democratização dos meios de comunicação é uma luta que não é uma luta ingênua - não se trata de imaginar que esses grupos que são donos de jornais, televisões ou rádios abram mão das suas prerrogativas de propriedade privada. A questão é uma luta em nome da possibilidade de setores ou grupos que não são proprietários tenham a possibilidade de expressar também suas concepções de mundo, de sociedade, de ser humano.

Então, por princípio, as comunicações não são democráticas, e nunca foram. No século XX, com a grande explosão da comunicação de massa, instauramos uma luta que explicita com muita clareza que as opiniões, as matérias, os conteúdos, têm uma autoria. E essa autoria não representa um conjunto, uma maioria, não está ali por um processo democrático de eleição de uma opinião.

Mesmo quando temos o advento dos meios de comunicação públicos, eles expressam o governo que está na gestão naquele momento, pois é ele que nomeia a diretoria, seleciona os conteúdos, o que deve ou não ser trabalhado. Tudo isso é um processo de expressão particular.

### **2) Como o psicólogo pode se inserir na discussão sobre a democratização da comunicação?**

Os psicólogos, como qualquer outro setor profissional da sociedade, podem estar implicados do processo de democratização de qualquer setor social. No caso da comunicação, temos um aspecto especial, que compromete os psicólogos, que são voltados para o tema da subjetividade. Como no processo de produção de subjetividades, os meios de comunicação, a partir do século XX, assumem um papel muito importante na manifestação de opiniões, ideias, na divulgação de propagandas e alguns conteúdos, a questão da democratização da comunicação acaba dizendo respeito particularmente aos psicólogos, que vão atender crianças, adolescentes, homens, mulheres, jovens e idosos cujos sofrimentos psíquicos terão em boa parte algum nível de relacionamento com esses conteúdos divulgados na mídia. Então, o psicólogo se insere nessa questão da democratização da comunicação como componente social.

Do ponto de vista da ciência psicológica, temos o dever de pesquisar e analisar as decorrências do estado ou dos conteúdos de mídia veiculados com os comportamentos humanos. Por exemplo, uma acentuada sexualização da infância, porque temos, especialmente no Brasil, há mais de 20 anos, uma prática de televisão de programas infantis altamente sexualizados: as roupas, os conteúdos, as danças, as músicas, as

expressões faciais, a linguagem empregada. É um conjunto de elementos que concorrem para uma antecipação de manifestações sexuais. Propagandas apresentam casais de crianças, que se tratam como marido e mulher, que namoram, que trocam beijos na boca - comportamentos que seriam de adultos, não de crianças de cinco ou seis anos de idade.

Então, do ponto de vista da ciência, há uma boa parte da Psicologia envolvida nessa área, que é a que vai tratar do desenvolvimento humano. Eu diria mais, que vai tratar de psicopatias, com todo um agravamento de violência, uma banalização da violência, que produz um convívio das pessoas com a violência dentro da sua própria casa. Elas já participam de crimes, tiroteios, comportamentos perversos, sentadas na sua casa, comendo pipoca. A televisão, que foi o meio de comunicação que mais se desenvolveu na segunda metade do século XX, banalizou uma infinidade de temáticas humanas inserindo isso nas casas e dando um tratamento de cotidiano, como se aquilo fosse lícito. Tivemos toda a primeira metade do século XX em que se imaginava que as crianças deveriam ser protegidas de exposição à violência pela sua baixa capacidade de compreensão, de elaboração, de análise cognitiva da situação que está na sua frente. Ela ainda não tem discursos intelectuais para fazer uma análise crítica daquele evento. Mas isso hoje é totalmente ignorado.

### **3) De que forma há produção de subjetividades na mídia?**

A Psicologia é uma ciência nova, se intitula como ciência no final do século XIX. É quando ela se “inaugura” nesse sentido, fazendo pesquisas em laboratório, com uma experimentação, um controle, uma medição etc., com influência das ciências naturais, como diversas outras ciências naquela época. E partia da suposição de que havia uma natureza humana, com uma certa estabilidade, com fenômenos previstos, que eram daquele jeito mesmo. A evolução disso, ao longo do século XX, é o advento de outras teorias que vão argumentar que, na verdade, a subjetividade humana não é inata, ela nasce com uma infinidade de recursos, enquanto espécie, de construir tudo o que construímos: toda a civilização, toda a arte, toda a história, toda a tecnologia. Ou seja, é uma espécie que potencialmente tem esses recursos, mas esses recursos só são ativados no convívio com outros seres humanos. O ser humano é o animal mais inacabado de todos os mamíferos, que nascem mais preparados para viver. Um filhote, em duas semanas, sobrevive muito bem, mas nós precisamos ser cuidados até os 10 anos de idade. Se ninguém colocar comida na boca de um bebê, ele morre. Esse inacabamento do ser humano no seu nascimento faz dele um ser absolutamente dependente do outro para sobreviver e para se constituir enquanto ser humano. E nesse convívio com outros seres humanos que cuidam dele, que são entendidos dentro de um grupo social e de uma cultura, vai se desenvolver a subjetividade humana. Quando falamos em produção de subjetividade é porque entendemos que a subjetividade não está dada. Não nascemos com a língua, mas com um recurso da linguagem, com toda uma capacidade cognitiva de emitir uma fonética - temos capacidade de simbolizar, mas isso é produzido a partir do convívio dos humanos entre si, dessas trocas. A subjetividade humana não é igual. Não posso pensar num grupo indígena com os mesmos conteúdos, pensamentos, imaginário e sentimentos de um indivíduo nasceu no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Japão ou na China. Nós somos diferentes. Os grupos humanos acabam tendo trajetórias, histórias, culturas e modos de sentir, de se emocionar, diferenciados. Isso significa dizer que a subjetividade humana é produzida, porque ela decorre a partir dos recursos potenciais de desenvolvimento e da cultura, do meio no qual aquela pessoa está inserida.

A televisão tomou um vulto impressionante de 1950 para cá e é absolutamente poderosa, se inseriu rapidamente nos lares, virou um produto rapidamente acessível – vivemos em um país extremamente quente e as famílias brasileiras tem mais televisões do que refrigeradores. Isso ocorre em diversos países, ganhou um espaço dentro das casas como se fosse um ser falante, e ela fala. Uma criança hoje, na sua casa, tem 3 falantes: o pai, a mãe e a televisão. Sem duvida, a televisão está intervindo na subjetividade dessa criança.

#### **4) Como o trabalho do psicólogo é afetado por essa situação?**

O trabalho do psicólogo não é afetado, mas a população, a sociedade. Temos crianças que podem entrar em choque com algumas regras sociais. Se a televisão mostra que o pai e a mãe são iguais à criança em termos de responsabilidades civis, se o pai e a mãe colocados pela televisão no mesmo nível que ela em termos de responsabilidade civil, essa criança vai se ver igual a um adulto. Então, pode se autorizar um conjunto de ações e atitudes em decorrência de seu entendimento de que são todos iguais e todos têm os mesmos direitos.

Quando temos uma Psicologia que trabalha com grupos humanos, como a escolar, a do trabalho ou a comunitária, seu trabalho acaba se constituindo ao mesmo tempo como uma prática e um processo de estudo. Muitas ações e comportamentos novos, para os quais as teorias psicológicas não estão preparadas e não conseguem dar suporte, estão se colocando. Então, o trabalho é afetado no sentido de que somos instigados a estudar mais e mais, a produzir pesquisas para entender o processo, entender aquele comportamento que está ali na nossa frente.

#### **5) Como as novas tecnologias, como internet, afetam a relação entre mídia e receptor? Elas são um primeiro passo na democratização da comunicação?**

Se pensarmos que a questão da democratização das comunicações foca no fato de termos algumas mídias, alguns órgãos de mídia, nas mãos de um grupo, não há duvida de que essas novas tecnologias constituem processos de democratização - se eu pensar que democracia é cada um falar por si. Se eu penso, por outro lado, que democracia corresponde a um regime de organização social em que setores tenham possibilidade de influenciar no funcionamento daquele coletivo, disputando politicamente as opiniões e as posições, isso muda - porque esse processo democrático é uma disputa política, você não mata o outro, não faz guerra, você faz política, o convívio na cidade, em que as pessoas podem argumentar, tentar convencer o outro da sua ideia. Isso é o processo democrático. O processo democrático não é haver cinco milhões de opiniões. Se fosse, isso, seria tranquilo, mas isso não corresponde à democracia. Ela, na verdade, é um exercício de manifestações de concepções e ideias que passa pela argumentação, pela persuasão, pelo desenvolvimento das ideias, pelo convívio sem armas, sem a guerra, onde você é capaz de convencer o outro, de trazer o outro para o que você pensa. Esse é o processo humano.

Então, não sei se o fato de cada um ter seu blog significa uma democratização das comunicações, apesar de que, sem dúvida, isso ampliar o espaço de manifestação das opiniões. Mas, ao mesmo tempo, se formos fazer uma pesquisa por esses blogs, as opiniões são raras. A maior parte fala de si, não opina sobre o mundo, sobre a realidade,

sobre a vida, sobre acontecimentos. Não se implica num processo mais amadurecido do que seria um processo democrático. Não diria que alcançamos uma democracia. Porque democracia não é a ideia de que todos possam falar. A questão é por que alguns falam e outros silenciam. E aqueles que falam, falam o quê e como essa sua fala intervém e cria caminhos e direções para todos os demais?

**6) Como a TV digital pode contribuir para democratizar a comunicação? Como você avalia o modelo escolhido para o Brasil?**

Acompanhei um pouco o processo de implantação da televisão digital no Brasil. Nessa época, eu participava do FNDC pelo CFP e já fazia essa discussão, em 2002.

A questão da adoção do modelo é mais tecnológica. A questão principal que se discutia era, na verdade, o grande poder da digitalização da comunicação. O tipo de tecnologia importa, mas mais no nível de uma relação mais econômica e cultural, não no sentido da produção dos conteúdos. A grande questão da democratização da comunicação é a dos conteúdos. É o receio do que é dito, proposto, encaminhado. Então, essa questão permanece. A digitalização não modifica essa dependência a uma fonte ou a algumas fontes de produção de conteúdo.

Pensando nos desenhos infantis. Tínhamos desenhos como Tom e Jerry, que adotava os animais, como se fosse uma fábula do século XIX, que apresenta o animal humanizado – ele fala e vive situações humanas. Esse formato que foi dado desaparece pelos bonecos e pelas formas, que, hoje, são formas mais abstratas, mais arredondadas, que perdem essa concepção do animal e passam a ser uma “bolha”, uma coisa que levita, que voa. São formas, e por que são essas formas que estão sendo adotadas? Quem está discutindo isso? O que significa isso para a criança?

Quando compramos um livro, há um processo de escolha. A pessoa lê a resenha do livro, vai à livraria, se interessa por ele e compra. Outra coisa bem diferente é quando a pessoa simplesmente liga a televisão e a cena entra na sala. Se ela gosta de algum programa e esse programa não interessa mais comercialmente, ele acaba. E a pessoa não tem o que fazer. Há uma relação de dominação, de poder, radicalmente nova para os seres humanos. Antes, o poder estava concentrado na quantidade de armas. No caso das crianças, no tamanho dos adultos, que tinham mais força do que ela. Era uma relação de poder claramente estabelecida. Agora, temos uma relação de poder completamente difusa. Alguém escolhe e veicula o conteúdo, escolhe o horário e, se não atender aos patrocinadores, tira do ar. Ficou uma relação de poder, de submissão, de fragilização do ser humano radicalmente colocada.

**7) No Brasil, a legislação diz que, para obter a concessão de um canal de TV, a emissora precisa cumprir uma cota de programas educativos. Isso é respeitado no Brasil? Como você avalia a situação?**

As televisões são uma concessão do poder público, mas é uma concessão de exploração. Na verdade, há um processo de desenvolvimento desses canais em que essas TVs têm uma autonomia de conteúdo enorme. Como não há uma definição clara sobre o que seria um programa educativo, não há controle sobre isso. No Brasil, possivelmente decorrente da ditadura, qualquer coisa que sugira controle é automaticamente rejeitada pelos setores mais intelectualizados do país. E não vivemos em sociedade sem controle.

A sociedade é um exercício constante e contínuo de controle. A questão é como distribuir esse controle.

Quando existem, os programas educativos são colocados às 6h da manhã, então nem todo mundo assiste - porque não há programa educativo de tarde, nem de noite, nem domingo. Quando eu era criança, havia um programa que até hoje eu me lembro. Era aos domingos depois do almoço e se chamava Teatrinho Trol, que tinha peças de teatro infantis. Havia histórias dramatizadas. O teatro não está mais na TV. Quando surge qualquer controle de idade, há artistas, intelectuais e até psicólogos que dizem que não deve haver controle nenhum, que fazer análise crítica de conteúdo é censura, é antidemocrático. Democrático seria apresentar tudo a todos ao mesmo tempo. Isso tem ocasionado já para a nossa geração algumas decorrências sérias. É uma questão intelectualmente complexa. Você tem que ter grupos que se manifestem, que argumentem, que justifiquem suas opiniões, que comprovem, que estudem, deve haver um processo de análise. Não podemos ser contra por princípio.

Tenho prestado muita atenção na linguagem da TV. Cada vez mais se ouvem palavras consideradas de baixo calão que não se ouvia na televisão, mas agora escuta-se frequentemente. Isso tem uma repercussão na sociedade - na escola, por exemplo. Se você pode escutar aquele palavrão na televisão, então é claro que dentro da escola a criança pode falar. Estamos diante de uma questão social em que todos estão implicados. Claro que cada um de nós expressa opiniões particulares. Ninguém é dono da verdade. Há verdades que precisam ser confrontadas, disputadas, argumentadas, dialogadas e acordadas por um grupo social. Aquele grupo social entende que algumas palavras não fazem parte do convívio social cotidiano, das relações sociais. Não posso virar para o motorista do ônibus e dizer para ele “pára essa porra”. Mas, se a televisão fala “porra” normalmente, como vamos dizer para um menino que ele não pode virar para um professor que passa um exercício e dizer “não vou fazer essa porra”? Se a televisão está produzindo e banalizando esse vocabulário, ele pode dizer para outras pessoas. Essa não é uma questão simples. Não se trata de demonizar a televisão ou a internet. Não se trata de criar fantasmas. Mas isso tem muito poder. E sempre discutimos as relações de poder. Todo processo de desenvolvimento foi porque fomos quebrando determinadas ordens de poder e fomos criando novas. A Psicologia entra nessa discussão da democratização das comunicações como um ator social, como um grupo profissional que trabalha com o comportamento humano.

## **8) Como você vê a realização da Conferência Nacional de Comunicação?**

A Conferência vem na esteira de um modelo de participação social muito bem sucedido dentro de determinadas condições, que foi o campo da saúde. Quem primeiro estabeleceu uma conferência nacional foi o setor da saúde, com o advento do SUS. Criam-se microconferências, que tiram resoluções que vão sendo passadas à frente, para setores mais amplos, até chegar ao nível nacional. O modelo da conferência foi muito bem sucedido no caso da saúde. Mesmo com todos os percalços, a saúde avançou bastante nesse sentido. Há uma preocupação: se o hospital não atende, isso incomoda profundamente e isso é denunciado, não há mais a situação de o hospital não atender e a pessoa ficar calada.

No caso da comunicação, vai ser uma primeira experiência. E, a princípio, não pode ser ruim. Vão surgir algumas bandeiras, alguns pontos de luta, algumas resoluções para

serem cobradas do governo, do setor público, que podem ser importantes para a população. O modelo de conferência é muito saudável.

Também não temos que ter uma posição de salvacionismo, de que a conferência é “a sábia”, de que os resultados da conferência são os resultados da verdade. Isso é uma posição muito fantasiosa. Porque quem está na conferência são votos particulares, setores sociais que vão manifestar seu entendimento. Por exemplo, existe a questão das rádios piratas. Há setores que as defendem e há toda uma questão da emissão de ondas que atrapalham a navegação aérea. Precisamos caminhar para discutir essa questão. É preciso distribuir isso. Essa é uma decisão que precisa ser tomada. Não se pode fazer de conta que não vai afetar o avião. Ao mesmo tempo, há os sites de pedofilia. Sou favorável à censura irrestrita dos sites de pedofilia. Nenhum ser humano tem direito de divulgar imagens sexuais de crianças. Então, como fica essa questão se ele diz que tem direito de se manifestar? Acho que a Conferência vai abrir um campo de discussão que é importante. É bom ter no país essa mobilização. É bom os governos ouvirem o que está sendo colocado para avançarmos nesse processo. É um processo histórico – vamos acumulando forças e avançando.